



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS INDICADORES DE LIQUIDEZ COM A
ANÁLISE DINÂMICA DO CAPITAL DE GIRO.**

SIMONE DE SOUSA BRITTO - 07116001201

Belém, 2010

RESUMO

Este artigo tem como objetivo comparar os resultados provenientes da aplicação de duas formas distintas de análise financeira utilizadas para avaliar empresas, o índice de liquidez e a análise dinâmica do capital de giro.

Para tanto se buscou através da pesquisa literária base explicativa para a condução deste estudo comparativo, através da análise de liquidez correlacionada com o capital de giro que representam fatores indispensáveis para administração das empresas. Assim, pretende-se demonstrar pontos relevantes ao investidor, pois ele como agente atuante no contexto da rentabilidade necessita de informações úteis e relevantes para otimizar o processo de tomada de decisão.

Palavras- Chave: Análise Financeira; Indicadores de Liquidez; Gestão de Capital de Giro

1. INTRODUÇÃO

A análise das demonstrações contábeis faz com que a contabilidade venha a ter um teor mais analítico, tendo como se obter conclusões econômicas e financeiras de uma empresa, através dessa análise. Segundo Matarazzo (2003, p. 39), “a análise das demonstrações visa extrair informações para a tomada de decisão. O perfeito conhecimento do significado de cada conta facilita a busca de informações precisas”.

Ultimamente, o financiamento do capital de giro tem se tornado uma área muito significativa da administração financeira. Ele tem se tornado um dos tópicos mais discutidos na academia e no mundo dos negócios, devido aos problemas de liquidez que enfrentam muitas empresas. Aliado a isto, acrescenta-se as mudanças no cenário econômico, caracterizado pela globalização e acirrada competição que enfrentam as organizações.

A liquidez de uma companhia é um assunto que há muito tempo preocupa os administradores financeiros. É por meio de uma adequada administração da liquidez que a empresa consegue saldar suas dívidas no curto prazo, no entanto, sem deixar de lado uma boa rentabilidade.

Quando se trata da análise de liquidez, um tema de suma importância é o capital de giro, que representa, de maneira restrita, os recursos investidos no ativo circulante. Uma visão ampla trabalha com o conceito de capital de giro líquido, representado pela diferença entre

ativo circulante e passivo circulante. Há também outros enfoques, tais como a análise dinâmica do capital de giro.

2. METODOLOGIA

O presente artigo, quanto ao objetivo de estudo, refere-se à tipologia descritiva, esta tem como principal objetivo analisar características de determinados fenômenos sem manipulá-los (BEUREN, 2003).

Neste sentido, caracteriza-se para o aperfeiçoamento do conhecimento científico, delineando seus objetivos, de forma a diminuir a parcialidade, apoiado na demonstração dos estudos. Pode ser classificada como uma pesquisa exploratório-descritiva, pois como afirma DUBY (2010):

Exploratório porque o tema em questão é ainda pouco estudado nos meios acadêmicos. Descritivo porquanto toda pesquisa qualitativa é, por princípio, descritiva. Exploratório-descritivo porque estou trazendo um novo conhecimento a respeito de um tema ainda pouco explorado no meio acadêmico, a partir da descrição da realidade estudada.

Assim sendo, essa pesquisa será feita através estudo teórico-empírico que terá como ponto de partida uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a importância da análise de balanços, abordando os indicadores de liquidez e a dinâmica de capital de giro baseado em livros especializados nessa área e com dados e fatos disponíveis na internet. A pesquisa bibliográfica explica um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos (BEUREN, 2003).

3. REFERENCIAL TEÓRICO.

3.1 A CONTABILIDADE COMO AGENTE NA GESTÃO FINANCEIRA DAS EMPRESAS.

Com a evolução da competitividade dos mercados, o aumento da carga tributária, as exigências éticas, cada vez mais, as empresas buscam novas tecnologias que permitam à Contabilidade vislumbrar perspectivas futuras para o desenvolvimento social e gerencial das empresas. Assim a Contabilidade tem se desenvolvido muito nos últimos anos e, busca a otimização de conceitos de gestão, qualidade, planejamento estratégico a fim de incorporar as informações contábeis prestadas aos diversos usuários (LUPPI, MILOCA, SÉKULA e SOUSA, 2003).

Neste sentido, a contabilidade é a ciência que estuda, pratica, controla e interpreta os fatos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a demonstração expositiva e a revelação desses fatos, com o fim de oferecer informações sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza econômica.

Com enfoque a definição dos objetivos da contabilidade dando ênfase ao processo de coleta de dados e ao formato das demonstrações financeiras Hendriksen e Breda (1999, p.93) citam:

A divulgação financeira deve fornecer informações que sejam úteis para investidores e credores atuais e em potencial, bem como para outros usuários que visem à tomada racional de decisões de investimento, crédito e outras semelhantes, as informações devem ser compreensíveis aos que possuem uma noção razoável dos negócios e das atividades econômicas e que estejam dispostos a estudar as informações com diligência razoável.

Examinando ponderadamente, define-se como base de suporte das decisões a informação financeira que deve ser relevante e confiável para certificar os direitos e obrigações da empresa, a fim de que ela dê continuidade ao seu exercício (ALVES e ARANHA, 2010). Deste modo, a decisão em tempo futuro, é proveniente da seleção da melhor alternativa para atingir os objetivos estabelecidos.

Numa linha semelhante Figueiredo e Moura (2010, p. 3) afirmam que “é necessário que sejam oferecidas informações que proporcionem uma antevisão dos resultados alcançados decorrentes da escolha das diversas alternativas, daí a utilidade dos modelos quantitativos para minimização do risco da decisão”.

Hendriksen e Breda (1999 p.99) afirmam que é fundamental que seja feita uma distinção útil entre dados e informações, para tanto definem:

“dados” como medidas ou descrições de objetos ou eventos. Se esses dados já forem conhecidos, ou não interessarem à pessoa à qual são transmitidos, não podem ser informação. Portanto, a informação pode ser definida como um dado que representa uma surpresa para quem o recebe. Além do mais, a informação deve reduzir incerteza, transmitir ao responsável pela decisão uma mensagem com valor superior a seu custo, e possivelmente evocar uma reação por parte do responsável pela decisão.

Nesta ótica, a Contabilidade faz o registro metódico e ordenado dos negócios realizados e a verificação sistemática dos resultados obtidos. Devendo identificar, classificar e

anotar as operações da entidade e de todos os fatos que de alguma forma afetam sua situação econômica, financeira e patrimonial. A partir da acumulação de dados, convenientemente classificados, a Contabilidade procura apresentar de forma ordenada, o histórico das atividades da empresa, a interpretação dos resultados, e através de relatórios produzir as informações que se fizerem precisas para o atendimento das diferentes necessidades.

3.2 ANÁLISE DE BALANÇO.

De acordo com Martins (2008, p.2.) a análise de balanço “surgiu dentro do sistema bancário que foi seu principal usuário, em 1895 o Conselho Executivo da Associação dos Bancos no estado de New York orienta a seus membros a pedir aos tomadores de empréstimo declarações escritas e assinadas de seus ativos e passivos”.

Nessa época é pouco provável que existissem técnicas analíticas que possibilitassem a medição quantitativa nos dados dos balanços, as idéias eram vagas em relação ao que comparar. Posteriormente foram desenvolvidos os itens, sendo o mais comum o ativo circulante com o passivo circulante. Em 1915, determinava o Federal Reserve Board (o Banco Central dos Estados Unidos) que só poderiam ser renegociados os títulos de empresas que tivessem apresentado seu balanço ao banco, medida instituiu o uso das demonstrações financeiras como base para a concessão de crédito. (MATARAZZO, 1998).

Em 1919, foi demonstrado pelo pesquisador Alexander Wall, um modelo de análise através de índices e demonstrou a necessidade de considerar outras relações, além do ativo circulante e o passivo circulante. Posteriormente em parceria com outros estudiosos no setor de análise de balanço, desenvolveram fórmulas matemáticas de avaliação de empresas avaliando diversos índices (ALBERTO, 2006).

Segundo o mesmo autor, no Brasil a análise de balanço só foi difundida em 1970. Naquela época os banqueiros passaram a solicitar balanços às empresas tomadoras de empréstimos, tornando-se assim, os bancos seu principal usuário. Por conseguinte, os balanços eram analisados de forma simples, contudo as técnicas forma aprimoradas ao longo dos anos.

Conforme Oliveira (2001) a análise de balanço estuda “saúde econômico-financeira da empresa, no passado e no presente, e enseja a projeção desse resultado para o futuro; possibilita o conhecimento objetivo dos efeitos da administração realizada pelos gerentes e

permite mensurar o volume dos recursos livres ou patrimônio líquido”. Conseqüentemente, deseja-se obter informações exatas a respeito da empresa em questão.

Padoveze (1996, p.115) expõe que, "a análise de balanço constitui-se num processo de meditação sobre os demonstrativos contábeis, objetivando uma avaliação da situação da empresa, em seus aspectos operacionais, econômicos, patrimoniais e financeiros".

Diante do exposto, supõem-se que o diagnóstico de uma empresa começa com a análise de suas demonstrações, podendo determinar seus pontos positivos e negativos além de conhecer as causas e conseqüências dos problemas, e através deste conhecimento expor soluções e estimar visões estratégicas de otimização das informações dando ênfase à total potencialidade da empresa.

4 A ANÁLISE ATRAVÉS DE ÍNDICES.

Os índices são dados extraídos da relação entre contas ou grupo de contas do balanço patrimonial, sobre os quais são aplicadas técnicas de análise, a fim de fornecer uma visão ampla da situação econômica e financeira das empresas, através destes podemos construir um quadro de avaliação das empresas (MATARAZZO, 1998). Ou seja, são relações que se estabelecem entre duas grandezas e justificam-se, quando se deseja analisar a situação da empresa, pelo fato de ser mais revelante analisar uma amostra de relações do que apreciar todos os itens contidos nas demonstrações.

Segundo Assaf Neto (2002, p. 48):

A análise de balanços visa relatar, com base nas informações contábeis fornecidas pelas empresas, a posição econômico-financeira atual, as causas que determinaram a evolução apresentada e as tendências futuras. Em outras palavras, pela análise de balanços extraem-se informações sobre a posição passada, presente e futura (projetada) de uma empresa.

Para o analista, a interpretação através de índices é a forma mais adequada de se chegar a ter dados concretos da real situação de uma empresa em um momento determinado. Do mesmo modo, um índice por si só não fornece base suficiente para uma análise satisfatória, mas serve de medida para diversos aspectos econômicos e financeiros das empresas, por conseguinte, faz-se necessário, que os índices extraídos dos balanços

patrimoniais sejam comparados a um índice padrão adotados para cada ramo da atividade específica, desta forma permite ao analista comparar o desempenho da empresa em relação ao mesmo segmento (MATARAZZO, 1998).

Numa linha semelhante, Marion (2008, p.90) aponta que devem ser conservados alguns conceitos:

- não considerar qualquer indicador isoladamente (associar os índices entre si);
- apreciar o indicador em uma série de anos, pelo menos três;
- comparar os índices encontrados com índices-padrão, ou seja, índices das empresas concorrentes(mesmo ramo de atividade).

A análise do capital pode ser destinada a verificar algo dinâmico através da análise financeira e econômica, sendo a primeira utilizada para o estudo da liquidez financeira que é mais utilizada quando da finalidade de análise para fornecimento de créditos a segunda é utilizada principalmente para informações da própria administração que avalia a rentabilidade de seu capital, porém análises financeiras e econômicas se completam e para fornecerem dados mais amplos devem ser examinadas em conjunto (HERMANN JR, 1980 *apud* ALVES E ARANHA, 2010).

Como o estudo está delimitado ao índice de liquidez podemos defini-lo segundo Matarazzo (1998) *apud* Alves e Aranha (2010):

como o termômetro que mede quão sólida é a base financeira da empresa, conseqüentemente a empresa com uma base sólida dispõe de condições muito favoráveis para honrar seus compromissos, porém não dá uma garantia de que o pagamento das dívidas ocorra no prazo acertado.

Nesta ótica, os índices de liquidez fazem um estudo sobre a capacidade de pagamento da empresa, apreciando se ela tem capacidade para saldar seus compromissos considerando: longo prazo, curto prazo ou prazo imediato (SILVA, 2003).

Portanto, deve-se atentar que por intermédio do exame minucioso com a utilização dos índices avalia-se uma tendência patrimonial e financeira das empresas, podendo espreitar uma margem de segurança nas informações.

4.1 INDICADORES TRADICIONAIS DE LIQUIDEZ.

Existem quatro indicadores de liquidez que evidenciam a situação financeira de uma empresa diante dos seus vários compromissos financeiros, índices de liquidez imediata, índice de liquidez seca, índice de liquidez corrente e índice de liquidez geral. Observe a representação de cada índice segundo Assaf Neto *apud* Alves e Aranha (2010):

índice de liquidez imediata = $\frac{\text{Ativo Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$, revela a porcentagem das dívidas a curto prazo que tem possibilidade de serem liquidadas imediatamente com os recursos proveniente das disponibilidades.

Quanto ao índice de liquidez seca = $\frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoque}}{\text{Passivo Circulante}}$, mostra a porcentagem de dívidas de curto prazo em condições de serem salgadas utilizando todo o disponível, com exceção do estoque e das despesas antecipadas, ou seja, considera a disponibilidade em caixa e banco e valores a receber, dividida pelo passivo circulante.

O índice de liquidez corrente = $\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$, compreende a divisão entre os valores alocados no ativo circulante pelos valores do passivo circulante, quanto maior este índice maior é a capacidade da empresa financiar suas necessidades de capital de giro.

No índice de liquidez geral = $\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$, fica demonstrado a liquidez tanto a curto como a longo prazo, este índice revela de forma geral quanto a empresa possui de direitos e haveres para cada \$ 1,00 real de dívida.

No geral, entende-se segundo Silva (2003, p. 4) “que a liquidez decorre da capacidade da empresa ser lucrativa, da administração de seu ciclo financeiro e das suas decisões estratégicas de investimento e financiamento.

Tabela I – Indicadores de Liquidez.

INDICADORES DE LIQUIDEZ				
Ano	Imediata	Seca	Corrente	Geral
2007	0,55	1,31	1,50	1,49
2008	0,66	1,53	1,72	1,71
2009	0,39	1,46	1,67	0,97

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o desempenho apresentado conforme tabela I, observa-se que o índice de liquidez imediata revela que esta empresa não possui disponibilidade financeira suficiente para saldar seus compromissos de curto prazo utilizando apenas os recursos disponíveis, ou seja, para cada \$ 1,00 (um real) de dívida de curto prazo ela possui aproximadamente

0,53(cinquenta e três centavos) de disponibilidade. Por outro lado, fica evidente uma discreta folga financeira após análise da liquidez corrente e liquidez geral.

Todavia para efeito de análise, o índice de liquidez imediata é um índice sem muito realce, pois relaciona-se disponibilidade com valores que vencerão em datas as mais variadas possíveis, embora no mesmo exercício social (MARION, 2008).

Deste modo, observa-se que o índice de liquidez seca, assim como os demais, deve ser analisado no conjunto com outros índices. Deve-se analisar o registro do Passivo Circulante para que não haja registro a menor, verificar se o valor das disponibilidades é expressivo com a finalidade de evitar que usem o caixa como “conta de fechamento”, bem como conhecer os prazos de recebimento das duplicatas a fim de nortear o risco de crédito (SILVA, 2003).

É importante ressaltar que mesmo um valor favorável no índice de liquidez corrente, pode esconder problemas de prazo, pois pode-se não ter dinheiro para enfrentar pagamentos dos próximos dias, vencimentos anteriores a recebimentos; ou os estoques considerados no ativo circulante podem não ser fáceis de vender e transformar em dinheiro. Até, em função disso, define-se um índice que não leva em conta os estoques.

Por fim, Marion (2008) acredita que:

deve-se tomar cuidado com o índice de liquidez geral, pois apresenta divergências em datas de recebimento e de pagamento que tendem a acentuar-se, quando analisamos períodos longos, ou seja, o recebimento do Ativo pode divergir consideravelmente do pagamento do Passivo; isso sem dúvida empobrece o indicador. Mas, se apreciarmos uma série de vários anos, a análise será enriquecida. Se uma empresa apresentar numa série de anos o índice de Liquidez Geral decrescente, mesmo considerando essas divergências, o indicador se tornará útil, pois podemos depreender a perda paulatina do poder de pagamento geral da empresa.

4.2 A IMPORTÂNCIA RELATIVA DE CADA ÍNDICE.

Existem diferentes maneiras de se avaliar o desempenho de uma empresa: pela qualidade e certificação de seus produtos, pela responsabilidade social, pela força de sua marca ou de forma financeira. As demonstrações financeiras oferecem uma série de dados sobre a empresa, de acordo com regras contábeis. A análise de balanços transforma esses dados em informações e será tanto mais eficiente quanto melhores informações produzir

através dos índices, todavia as técnicas matemáticas ainda não superam a opinião dos analistas sobre a importância dos índices.

A importância de cada índice depende, evidentemente, de quem é o usuário, para um banco o índice mais importante provavelmente seja o de rentabilidade do ativo, assim como o índice de liquidez Seca, pois elimina os estoques, que é considerado o item mais manipulável do balanço. Já para o acionista é provável que o de maior importância seja o de rentabilidade do Patrimônio Líquido (MARION, 2008).

Para Iudícibus (1998) *apud* Alves e Aranha (2010):

embora a análise das demonstrações de uma empresa forneça uma boa idéia de sua situação geral, podem existir alguns aspectos da empresa não evidenciados por esta análise, a exemplo uma empresa trabalhando com capacidade ociosa crônica de seus equipamentos, e ainda assim conseguem rentabilidade, para um estudo econômico e financeiro mais completo da empresa é necessário que seja incluída outras análises.

Diante do exposto, é necessário analisar atentamente os resultados obtidos em períodos distintos e ainda compará-los com outras empresas do mesmo segmento e porte, a fim de observar a evolução dos dados nas empresas, bem como avaliar a posição das empresas perante o mercado em que atua.

Nesse sentido Matarazzo (1998, p.231) *apud* Alves e Aranha (2010): diz que “espera-se de qualquer análise baseada num conjunto de índices que estes sejam capazes de distinguir as empresas saudáveis daquelas com as quais os negócios devem ser evitados”.

Desta maneira, é por meio de uma boa liquidez que é possível saldar as dívidas de curto prazo, sem esquecer o papel essencial de uma boa rentabilidade. Por conseguinte, a importância da liquidez advém de uma análise do capital de giro representado por recursos investidos no Ativo Circulante, a qual normalmente influencia no processo de tomada de decisão, podendo ser executada com maior grau de precisão. (BATISTELLA, 2010)

5. GESTÃO DE CAPITAL DE GIRO.

5.1 CAPITAL DE GIRO

Para Dorabella (1995, p. 102) *apud* Machado, Machado, Callado e Júnior (2010), capital de giro “são os recursos financeiros aplicados pela empresa na execução do ciclo

operacional de seus produtos, recursos estes que serão recuperados financeiramente ao final deste ciclo”. Ou seja, são os recursos que as empresas mantêm em caixa para atender suas necessidades operacionais imediatas, como por exemplo, negociar preços melhores com os fornecedores ou aproveitar uma oportunidade de negócio vantajoso, pagar salários e tarifas pública.

Tendo compreendido o conceito técnico de capital de giro, é de fundamental importância saber que o capital de giro resulta do processo decisório dos gestores das empresas, tornando-se fundamental o planejamento de longo e curto prazo, denotando a política escolhida pela empresa. Neste contexto, podemos analisar o capital de giro sobre duas abordagens: Análise Tradicional e Análise Dinâmica, sendo a primeira demonstrada sobre a ótica de variação das contas do ativo circulante de maneira individualizada, através do Capital Circulante Líquido (CCL), por outro lado, a análise dinâmica requer a análise das contas do ativo e do passivo de modo integrada.

Conforme Bastitella (2010, p. 6) existem quatro propriedades do capital de giro a saber:

1. É um resultado do planejamento empresarial;
2. Depende do seu ciclo operacional. O ciclo operacional representa as fases operacionais da empresa: da aquisição de matérias-primas, passando pela produção, pagamento de fornecedores, etc, até o recebimento das vendas, ou seja, quando o recurso “volta” ao caixa. Por exemplo, um recurso entra inicialmente no caixa, depois vai para os estoques; na venda, vai então para o contas a receber, se for a prazo ou para o caixa, se for a vista. O ciclo operacional resulta em outra propriedade:
3. Rápido fluxo de recursos entre os itens circulantes. O dinheiro em caixa é invertido para os estoques, que então é invertido em contas a receber, que depois se torna caixa novamente, e assim por diante;
4. Liquidez. A capacidade de uma empresa saldar seus compromissos depende de uma eficaz administração do capital de giro. Por exemplo, um errôneo dimensionamento do disponível juntamente com um acréscimo na quantidade de horas extras dos funcionários em um dado momento pode acarretar em uma falta de fundos a curto prazo para honrar com o pagamento dos funcionários.

A eficácia do capital de giro transmite equilíbrio, lucratividade e vitalidade ao Capital de funcionamento, assim como a liquidez que quanto maior pode proporcionar maior segurança a companhia. No entanto, os indicadores de liquidez e rentabilidade são inversamente proporcionais, o que vai importar é o setor de atuação das empresas.

Desta maneira, para Albano e Junior (2010) o capital de giro pode ser ainda segmentado em fixo (ou permanente) e variável (ou sazonal):

O Capital de giro permanente refere-se ao volume mínimo de ativo circulante necessário para manter a empresa em condições normais de funcionamento. Já o Capital de giro variável é definido pelas necessidades adicionais e temporais de recursos verificadas em determinados períodos e motivadas, principalmente, por compras antecipadas de estoque, maior morosidade no recebimento de clientes, recursos do disponível em trânsito, maiores vendas em certos meses do ano, etc.

Portanto, administrar o capital de giro da empresa significa avaliar o momento atual, as faltas e sobras de recursos financeiros, e os reflexos gerados por decisões tomadas na empresa em relação a compras, vendas e administração do caixa.

5.2 ANÁLISE DINÂMICA DO CAPITAL DE GIRO.

De acordo com Bastitella (2010) o conceito de análise dinâmica de capital de giro surgiu em “em 1978, com a publicação do livro ‘O modelo Fleuriet: a dinâmica financeira das empresas brasileiras’, de Michel Fleuriet.

Segundo Fleuriet et al. (2003, p. 3) “em geral, certas contas do ativo e passivo renovam-se constantemente a medida que se desenvolvem as operações na empresa. Este fato constitui a base para uma nova classificação [...] que enfatiza os ciclos econômico e financeiro de uma empresa, fornecendo dados para a análise dinâmica em oposição à análise estática...”.

Para fazer uso do modelo dinâmico de análise financeira, faz-se necessário reclassificar as contas do balanço patrimonial em contas circulantes e não-circulantes. O grupo dos circulantes se subdivide em ativos e passivos circulantes operacionais ou cíclicos e ativos e passivos circulantes financeiros ou erráticos. O grupo dos ativos não-circulantes é composto pelos ativos realizáveis a longo prazo e ativos permanentes, enquanto o grupo de passivos não-circulantes é composto pelo passivo exigível a longo prazo e patrimônio líquido.

No qual o grupo das contas cíclicas estão relacionados de maneira direta com o ciclo operacional, contudo as financeiras não estão ligadas ao ciclo operacional e o grupo de contas não cíclicas são as que apresentam lento fluxo de recursos ao longo do tempo (longo prazo).

Baseado nessa reclassificação, segundo Machado, Machado, Callado e Júnior (2010) chega-se nas variáveis utilizadas na análise dinâmica do capital de giro, quais sejam: Necessidade de Capital de Giro (NCG), Saldo de Tesouraria (T), Capital Circulante Líquido

(CCL), Capital de Giro Próprio (CGP), Financiamento de Longo Prazo (FLP), e Termômetro da Situação Financeira (TSF).

Na ordem tradicional ressalta-se o Capital Circulante Líquido (CCL) que tem como referência quanto maior o ativo circulante em relação ao passivo circulante, pode existir recursos de longo prazo financiando os investimentos em capital de giro.

$CCL = \text{Ativo Circulante} - \text{Passivo Circulante}$
$CCL = \text{Ativo Não Circulante} - \text{Passivo Não Circulante}$

Fonte: Elaborado pela Autora

ATIVO	PASSIVO
Ativo Circulante	Passivo Circulante
	CCL
Ativo Não Circulante	Passivo Não Circulante

Fonte: Elaborado pela Autora

Assim, pela análise do CCL, podemos visualizar como o ativo está sendo financiado ou qual a composição do passivo que está relacionado com o ativo.

Já na análise dinâmica calcula-se qual a necessidade de investimentos em giro, através da Necessidade de Investimento em Giro (NIG), que é a diferença entre os investimentos e financiamentos oriundos de atividades da empresa que resulta no valor que a empresa necessita para financiar o giro (MACHADO, MACHADO, CALLADO e JÚNIOR, 2010).

$NIG = \text{Ativo Cíclico} - \text{Passivo Cíclico}$

Fonte: Elaborado pela Autora

Quando a NIG for positiva, a empresa tem necessidade de financiamento para o giro, devendo encontrar fontes adequadas para tal. Quando NIG for negativa, a empresa tem mais financiamentos do que investimentos operacionais, evidenciando sobra de recursos para aplicação no mercado financeiro ou em suas atividades. Quando a NIG for igual a zero, a empresa não possui necessidade de financiamento para o giro. Assim, a NIG depende

basicamente da natureza e do nível de atividades dos negócios da empresa, sendo sensível às modificações que ocorrem na economia. A natureza dos negócios determina seu ciclo financeiro, enquanto o nível de atividade é função das vendas.

Desta forma, Bastitella (2010) aponta uma conclusão importante obtida comparando-se o CCL com a NIG:

CCL > NIG = empresa tende a possuir um equilíbrio financeiro, ou seja, os investimentos e financiamentos estão em sintonia uma vez que há recursos de longo prazo para financiar as necessidades de investimento no ativo cíclico (giro).
 CCL < NIG = a empresa pode não estar em uma situação de equilíbrio financeiro, uma vez que as necessidades do ativo cíclico tendem a estar sendo financiadas de forma relevante com recursos de curto prazo, o que geralmente denota um descompasso entre financiamentos e investimentos.

Nesta ótica, a diferença entre CCL e NIG é o saldo de tesouraria(T).

$$T = CCL - NIG$$

Fonte: Elaborado pela Autora

Logo, um saldo de tesouraria positivo significa que a empresa está adequada a política de investimentos e financiamentos, de forma que a empresa tem a possibilidade de aumentar suas vendas a prazo, pois este saldo financia um maior investimento em contas a receber. Contudo, se o saldo de tesouraria for negativo, destaca-se que a liquidez está desfavorável pois a empresa está financiando o seu ativo cíclico com recursos de curto prazo que estão cobrindo os investimentos a longo prazo

6. CONCLUSÃO.

O presente artigo visa comparar os indicadores de liquidez com a análise dinâmica do capital de giro, utilizando a aplicação de índices tradicionais de liquidez e análise dinâmica do capital de giro de forma integrada que tem como objetivo medir as variáveis de NIG(Necessidade e Investimento em Giro), T – Tesoura e CDG- Capital de Giro.

Nesta ótica, no decorrer do estudo foi apresentada a possibilidade de capacidade de pagamento de imediato, de curto prazo e de longo prazo de uma empresa, no qual destaca-se os Índices de Liquidez Seca, Índice de Liquidez Imediata e de Liquidez Geral, no qual cada um fornece uma informação distinta sobre a situação financeira da empresa, todavia esta

análise de índices não deve ser feita de modo isolado e sim levando em consideração dois ou mais períodos.

Por conseguinte, é necessário que a administração mantenha o gerenciamento financeiro através do capital de giro que apresenta os ativos e passivos circulantes a fim de determinar e manter o volume de liquidez para a obtenção do processo com maior eficiência e qualidade nas informações prestadas. Portanto, a eficiente administração do Capital de giro é uma prática determinante para o êxito de uma empresa, pois normalmente boa parte do ativo de uma empresa é representada pelo capital de giro. Pelo fato dele ser um elemento crítico para as operações, e de ter uma íntima relação com as mesmas, sugere-se a inclusão da administração do mesmo, a fim de estimar a sua influência nos resultados da empresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Alexsandro da Silva;JUNIOR, Valderio Freire de Moraes. **Aspectos da Administração do Capital de Giro: Caso de uma Empresa de Eletrodomésticos.** Disponível em:< webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a4_v2/artigo_11.pdf> . Acesso em: 16 de Junho de 2010

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços – um enfoque econômico-financeiro comércio e serviços, industriais, bancos comerciais e múltiplos.** 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

ALVES, Zenilda; ARANHA, José A Moura. **Análise Financeira: Um Estudo comparativo da análise dos indicadores de liquidez com a análise dinâmica do capital de giro(Modelo Fleuriet).** Disponível em:< www.fes.br/revistas/agora/ojs/include/getdoc.php?id=150> Acesso em: 13 de Junho de 2010.

BASTITELLA, Flavio Donizete. **Análise Dinâmica do Capital de Giro e inflação: Um estudo de Caso em empresa de recursos hídricos.** USP. Disponível em:< www.congressosp.fipecafi.org/artigos62006/205.pdf>. Acesso em: 16 de Junho de 2010

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.**São Paulo: Atlas, 2003.

DUBY, George. **O Método Utilizado para Abordar a Realidade.** Disponível em: < www.eps.ufsc.br > Acesso em: 27 de Abril de 2010.

FIGUEREIREDO, Sandra; MOURA, Heber. **A Utilização dos Métodos dos Quantitativos na Contabilidade.** São Paulo. Disponível em:< http://www.isesonline.com.br/downloads/sandra/artigos/a_utilizacao_dos_metodos_quantitativos_na_contabilidade.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2010.

FLEURIET, Michel; KEHDY, Ricardo; BLANC, Georges. **O Modelo Fleuriet A Dinâmica Financeira das Empresas**. Rio de Janeiro: Vozes 2003.

HENDRIKSEN, Eldon; BREDA, Michael F. Van. **Teoria da Contabilidade**. Tradução da 5. ed. Americana por Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 1999.

LUPPI, Lupercio Fuganti; MILOCA, Leo Mathias; SÉKULA, Jackson Marcel; SOUSA, Paulo Daniel Batista de. **A Importância da Contabilidade para a Administração**. Disponível em: < www.fag.edu.br/.../Contabilidade%20Basica/A%20Importancia%20da%20Contabilidade%20para%20a%20ad > Acesso em: 12 de Junho de 2010.

MACHADO, Márcio André Veras; MACHADO, Márcia Reis; CALLADO, Aldo Leonardo Cunha; JÚNIOR, José Bonifácio de Araujo. **Análise Dinâmica e o Financiamento das Necessidades de Capital de Giro das Pequenas e Médias Empresas**. Paraíba. Disponível em: < www.congressosp.fipecafi.org/artigos52005/147.pdf > Acesso em: 12 de Junho de 2010.

MARION. Jose Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis: Contabilidade Empresarial**. 3 ed. – 4 reimp. – São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Orleans Silva. **Contabilidade Avançada**. Faculdade para o Desenvolvimento de Pernambuco. Disponível em: < www.fadepe.com.br/.../4_aud-fiscal_Aula%2001%20-%20Apostila.doc > Acesso em: 13 de Junho de 2010.

MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços – abordagem básica e gerencial**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Análise Financeira de Balanço, Abordagem Básica e Gerencial**, São Paulo: Atlas 1998.

OLIVEIRA, Nelson Cavallari. **Análise Econômico Financeira**. Abril de 2001. Disponível em: < <http://nelsonco1.sites.uol.com.br/AnaliseFinanceira.htm> > Acesso em: 15 de Junho de 2010.

SILVA. Lanna Golenhesky Luz da. **Capacidade de Pagamento**. Disponível em: < www.peritocontador.com.br/.../Capacidade_de_Pagamento.pdf -> Acesso em: 15 de Junho de 2010

